

GUILLERMO CABRERA INFANTE

A ninfa inconstante

Tradução
Eduardo Brandão



Copyright © 2008 by Herdeiros de Guillermo Cabrera Infante
Todos os direitos reservados

Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
La ninfa inconstante

Capa
warrakloureiro

Preparação
Silvia Massimini Felix

Revisão
Márcia Moura
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cabrera Infante, Guillermo, 1929-2005.
A ninfa inconstante / Guillermo Cabrera Infante ; tradução
Eduardo Brandão. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: La ninfa inconstante.
ISBN 978-85-359-1800-7

1. Ficção cubana I. Título.

10-13623 CDD-cb863 . 4
Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura cubana cb863 . 4

[2011]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Se encontrares anglicismos, revisor de provas que não aprovas, não os toques: assim é minha prosa. Deixem-nos aí sossegados na página. Não os movam, que não se movam. Afinal de contas, esta narrativa foi escrita na Inglaterra, onde vivi mais de trinta anos. Uma vida, como diria meu xará Guy de Maupassant, *en passant. De mot passant.*

O passado é um fantasma que não se deve convocar com médiuns ou invocar com abra-essa-obra. É na realidade da recordação um *revenant* irreal. Não é preciso pôr as mãos na mesa, palma para baixo, ou responder aos três toques rituais ou perguntar “Quem está aí?”. O espírito do passado sempre está aí. Um copo d’água e uma flor amarela bastam. Não é preciso repetir frases encantatórias ou *cast a spell*: todos os mortos estão aí, vivos, exibidos detrás de uma vidraça negra, uma câmara escura, uma obra de artifício. Os entes passados vivem porque não morreram para nós. Vivemos porque eles não morrem. Nós somos os mortos-vivos.

É no passado que vemos o tempo como se fosse o espaço. Tudo fica longe, na distância em que o passado é uma imensa campina vertiginosa, como se caíssemos de uma grande altura e o tempo da queda, a distância, nos tornasse imóveis, como acontece com os mergulhadores dos penhascos, que vão caindo numa enorme velocidade e no entanto para eles não se cai nunca. Assim caímos na recordação. Nada parece ter se movido, nada

mudou porque estamos caindo a uma velocidade constante e só os que nos veem de fora, vocês leitores, se dão conta de quanto descemos e a que velocidade. O passado é essa terra imóvel da qual nos aproximamos com um movimento uniformemente acelerado, mas o trajeto — tempo no espaço — nos impede de nos afastar para ter uma visão que não esteja afetada pela queda — espaço no tempo — voluntária ou involuntária. O tempo, mesmo detido, dá vertigem, que é uma sensação que só o espaço pode dar.

O passado só se faz visível através de um presente fictício — e no entanto toda ficção perecerá. Não restará então do passado mais que a memória pessoal, intransferível.

Não me interessa a impostura literária mas a verdade que se diz com palavras que necessariamente vão umas atrás das outras embora expressem ideias simultâneas. Sei que uma frase é sempre uma questão moral. Há uma memória ética? Ou é estética, isto é, seletiva?

A memória é outro labirinto em que se entra e às vezes não se sai. Mas são fantásticos, inúmeros, os corredores da memória, fora da qual há um só tempo real que é aquele que se recorda — isto é, eu mesmo agora quando a máquina de escrever é a verdadeira máquina do tempo.

Escrever, o que faço agora, não é mais que uma das formas que a memória adota. O que escrevo é o que recordo — o que recordo é o que escrevo.

Entre ambas as ações estão as omissões — que são os intersíticos, o que resta. Isto é, meu buraco: o espaço do tempo recor-dado.

É tão fácil recordar, tão difícil olvidar... Não é o que diz a canção? Ou diz...? Não me lembro, olvidei. Recordar é gravar num idioma ou outro. Mas olvidar não tem equivalência...

O amor é um dédalo delicado que oculta seu centro, um monstro escuro.

Teseu, teu nome é tesão. Ah, Ariadne, não te abandonei em Naxos mas no Trotcha. Agora desço ao baixo mundo da recordação para te trazer de entre os mortos. Tive de vadear as águas do Leto, rio do esquecimento, labirinto lábil, para te encontrar de novo. Caronte, que não trabalha mais na ponte sobre o rio Almendares mas que limpava por uma peseta o vidro que o salitre do Malecón havia nublado, me deixou te ver. Foi através de outro para-brisa, desta vez de um táxi, que voltei a te ver.

Pareceria que ela morreu — e é verdade. É a morte uma extensão infinita da noite? A morte faz da vida uma área vedada. Pareceria estranho se, tendo esta miniatura (no sentido de pequena pintura preciosa) ao lado, eu me entregasse a uma reflexão sobre o bolero. Acontece que o ensaio eu estou escrevendo agora. Então, só ouvi a música.

Ela morreu. Suicidou-se? Não, morreu da morte mais inatural: morte natural. Matou-a em todo caso o tempo. Mas o certo, o terrível, o definitivo é que Estelita, Estela, Stella Morris está morta. Agora sou eu que reconstruo sua memória. Ela era uma pessoa mas terminou transformada nesse destino terrível, um personagem. É preciso dizer que ela era todo um personagem.

Ela morreu, longe do trópico, de Cuba. Mas ela não era na realidade do trópico ou de Havana ou daquela Rampa onde a conheci — e dizer que a conheci é, obviamente, um absurdo: nunca a conheci. Nem sequer a conheço agora. Mas escrevo sobre ela para que outros, que não a conheceram, a recordem. Quanto a mim, ela foi sempre inesquecível. Mas agora que está morta é mais fácil recordá-la. E pensar que ela não existe agora senão quando a imagino ou a recordo. É a mesma coisa. Poderia escrever mentiras, eu sei, mas a verdade é suficiente invenção.

Digo que não a conheci e devo dizer que a encontrei; na rua, uma tarde, quando era uma desorteada dos subúrbios no centro de Havana, perdida. Mas foi para mim um encontro. Tem

um bolero que Peruchín toca que se chama “Añorado encuen-
tro”, e foi isto que foi, um saudoso encontro. Curiosas canções
como ditam as recordações. Néstor Almendros me disse, quando
veio me visitar e eu tocava no meu toca-discos “Down at the
Levy” cantada por Al Jolson, que sempre que ouvisse essa can-
ção se recordaria da sala do apartamento, o sol que açoitava os
móvels e as gentes e o mar lá longe e eu sentado no sofá, de
camiseta, ouvindo o velho Al, Al morto, Al *Down at the Levy*,
waiting, for the Robert E. Lee, que era um barco de rodas-d’água
navegando Mississippi abaixo.

Voltei a percorrer La Rampa de noite. Não era um sonho,
era algo mais recorrente: a recordação. Recordei-me de quando
vim à rua O (Zero, O, Oh) com Branly. La Rampa era jovem e
eu também. Mas a esquina com O já fervilhava.

Havana era para mim então uma ilha encantada da qual eu
era ao mesmo tempo explorador e guia. Por um tempo eu tam-
bém acreditava que era um Frank Buck do amor, que entrava na
selva para trazê-la viva e viver os dois para contar — se bem que
eu era o único que podia erguer uma ponte entre o relaxar e o
relatar. Havana, não cabe dúvida, era o centro do meu universo.
Na realidade era meu universo: uma nébula clara. Percorrê-la
era uma viagem pela galáxia. No céu havia dois sóis.

Esta história não podia ter ocorrido cinco anos antes. Então
a rua 23 terminava na L, e La Rampa ainda não tinha sido cons-
truída. No fundo, paralelas com o Malecón, estavam as linhas
de bonde e, às vezes, via-se vir um bonde não sei donde cujos
trilhos terminavam pouco antes do infinito. Claro, o Hotel Na-
cional já estava ali encarapitado num parapeito, mas onde está
hoje o Hotel Hilton havia um barranco com um fundo plano de
barro batido onde vim algumas vezes bater bola. Desapareceu o
campo de jogo onde não ganhei uma batalha, para se tornar esse
campo de Vénus, não de Marte, onde me saí melhor — aparen-
temente.

Tudo começou numa tarde de junho de 1957. Fazia calor mas não fazia tanto calor. Vamos ver se me entendem. Estamos grudados no trópico do Câncer, na zona tórrida, mas a cidade era refrescada pela corrente do golfo. Aí tem milhas mar afora, no limite das águas territoriais. Além do mais, havia o ar-condicionado, tão usual quanto a música indireta.

Não creio que caia mal começar com um homem a história de uma mulher porque esse homem não foi de nenhuma consequência para mim, mas a mulher sim. Além do mais a mulher era então uma mocinha. Muito embora, aliás, o homem, Branly, fosse um factótum fatal: Mefistófeles para um jovem Fausto. Em todo caso foi por Branly que a conheci tão cedo que ainda não tinha nome.